

LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS

Raimunda Sousa dos Santos ¹
Arimar de França Dourado ²
Juan Nino dos Santos Azevedo ³
Luciana Conceição Sousa ⁴
Natália da Silva da Conceição ⁵

INTRODUÇÃO

O processo de escolarização é o mais longo da vida de uma pessoa e exige ações didáticas que contemplem a aprendizagem de forma lúdica e eficaz. É a partir da educação infantil que a criança inicia o processo da leitura e escrita de forma mais lúdica, porém, quando não bem estimulada pode causar sérios problemas, um deles é o analfabetismo. Nesse sentido, entendemos ser relevante pensar a escola como um espaço de formação continuada, pois possibilita a construção de mudanças na prática docente, no planejamento, no currículo sendo capaz de influenciar no processo de alfabetização.

O presente estudo investiga as concepções e estratégias pedagógicas na estimulação da leitura e escrita de crianças na educação infantil. Foi desenvolvido com o objetivo de analisar o papel dos professores no desenvolvimento linguístico da criança na educação infantil, tendo em vista que a formação docente e suas práticas podem afetar habilidades relacionadas a linguagem oral e escrita da criança na Unidade de Educação Infantil Casa da Amizade, pertencente a rede municipal de Bacabal - MA.

Dessa forma, ampliar as discussões sobre a apropriação da linguagem escrita por parte da criança da educação infantil que é a base para o processo de alfabetização, constitui-se com eixo central para o desenvolvimento dessa pesquisa. O presente estudo pretende investigar as concepções e estratégias pedagógicas na estimulação da escrita de crianças na educação infantil. A escolha em desenvolver essa temática parte do interesse em aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos capazes de promover o processo do desenvolvimento linguístico da criança na educação infantil, tendo em vista a

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEMA, raisousantos@gmail.com;

² Graduanda pelo Curso de Pedagogia do Centro - UNIPLAN, arimar.francadourado@gmail.com;

³ Graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEMA, juanazevedo2508@gmail.com;

⁴ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual - UEMA, luciana_amor@hotmail.com;

⁵ Graduanda pelo Curso de Pedagogia do Centro – UNIPLAN, natiiidavi2203@gmail.com.



formação docente e como suas práticas podem afetar habilidades relacionadas a linguagem escrita da criança na pré-escolas, referente a turmas de crianças na faixa etária entre 4 a 5 anos de idade.

Portanto, esta pesquisa busca analisar o papel dos professores no desenvolvimento linguístico da criança na educação infantil, tendo em vista que a formação docente e suas práticas podem afetar habilidades relacionadas a linguagem oral e escrita da criança em creches e pré-escolas. A partir disso, foi necessário discutir as estratégias pedagógicas para melhor análise do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita de cada criança e sua relação linguística, social e escrita, a fim de refletir sobre uso de livros e escrita dentro das instituições de Educação Infantil. Destacamos a ideia de Ferreiro (1993, p.39), sobre a obrigatoriedade de alfabetização:

[...] não é obrigatório dar aula de alfabetização na pré-escola, porém é possível dar múltiplas oportunidades para ver a professora ler e escrever; para explorar o espaço gráfico e distinguir entre desenho e escrita; para perguntar e ser respondido; para tentar copiar ou construir uma escrita; para manifestar sua curiosidade em compreender essas marcas estranhas que os adultos põem nos mais diversos objetos.

Desse modo, compreendemos que a educação infantil, principalmente a etapa da pré-escola transcende o papel do cuidar, consolida-se como espaço de promoção para troca de experiências significativas que impulsionam para o desenvolvimento integral da criança. A ideia não é tornar a educação infantil um espaço de escolarização precoce, mas sim, defender que o contato com o universo letrado deve ocorrer de forma dinâmica, prazerosa e contextualizada, respeitando a realidade e a singularidade de cada criança. Trata-se de tornar aprendizagem mais flexível com o uso de jogos, livros, brincadeira com letras e sons são ferramentas essenciais para aquisição das habilidades de leitura e escrita, além disso, desenvolvem competências sociais e emocionais.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório descritivo de cunho qualitativo e quantitativo, por abordar dados bibliográficos, observação e de pesquisa de campo sobre a leitura e escrita na educação infantil: concepções e estratégias pedagógicas. A mesma foi realizada na Unidade de Educação Infantil Casa da Amizade pertencente a rede municipal em Bacabal – Maranhão.

Para a realização do estudo e coleta de dados foi utilizado como instrumento de investigação um questionário semiestruturado com perguntas fechadas aos professores.



Tendo como referencial teórico Brasil (2016), Moraes (2019), Brandão (2010). A escolha do questionário se justifica como instrumento mais fácil de ser utilizado nesta situação, quando o sujeito da pesquisa carece de maiores esclarecimentos sobre as questões.

Assim, a realização desta pesquisa aconteceu de modo ético, cauteloso sem interferir na rotina da escola e da sala de aula. Cada participante da pesquisa foi tomado como sujeito principal com concepções próprias sobre o assunto pesquisado atuante da realidade vivenciada e como a finalidade de investigar as concepções e estratégias pedagógicas na estimulação da leitura e escrita de crianças na educação infantil.

A EDUCAÇÃO INFANTIL COMO ESPAÇO PRECURSOR PARA LEITURA E ESCRITA.

Desde as sociedades antigas, o assunto relacionado a infância vem sendo discutido, de início a responsabilidade era totalmente da família, principalmente das mulheres. Na medida que a criança crescia, conseguia autonomia motora, ela deveria ajudar nos afazeres do cotidiano junto aos adultos, por vezes eram tratados como um adulto em minatura. Se vestiam, participavam de conversa e se relacionavam igual ao um adulto. Deste modo, a inserção concreta das crianças e seus papéis variam com as formas de organização da sociedade, no tempo e no espaço.

Para definir a criança pontuamos as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil em sua resolução CNE/CEB nº 5/2009 no seu artigo 4º, onde diz:

Define a criança como sujeito histórico de direito, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade produzindo cultura.

Dessa maneira, faz-se necessário retomar ao contexto histórico da infância, assim, refletir sobre a concepção de infância ao longo do tempo, o que ainda persiste e o que pode ser alterado para construir uma educação infantil mais eficiente e de qualidade. Não se trata apenas de cuidar e zelar pela a vida da criança, mas de oportunizar a vivência, experiência de uma maneira que a criança se desenvolva de forma integral.

Com base nessa premissa, o contexto histórico mostra que o conceito de infância vai de acordo com a sociedade, geografia, tempo e modo principalmente no que corresponde aos direitos e particularidade. Nesse sentido, Ariès (1978 p. 99), ressalta que:



O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças, corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem.

Somente após o século XX a infância passa a ser considerada como etapa de grandes conquistas, e a criança passa a ser vista como cidadã com direitos garantidos e o pleno desenvolvimento que se diferencia com dos adultos, merecendo um olhar mais humanizado principalmente o direito de aprender a ler e escrever.

Com a inserção da criança no ambiente escolar principalmente em creches e pré-escolas nota-se que a escola é um espaço diferente do ambiente familiar. No início da criação das creches no Brasil, por exemplo, as crianças de 0 - 3 anos que frequentavam esse espaço em sua maioria eram órfãos. Em consequência a participação da mulher no mercado de trabalho, as creches deixam de ser um abrigo e passam a atender crianças, filhos de operárias que necessitavam trabalhar fora do lar, para então contribuir com a renda familiar. Historicamente falando as primeiras creches no Brasil surgiram nas vilas operárias das grandes capitais como no Rio de Janeiro e São Paulo e também na região nordeste onde predominava a grande produção açucareira.

As primeiras creches estiveram, portanto, a cargo de algumas indústrias, como a creche da Cia. De Fiação e Tecidos Corcovado – RJ, de 1899. A creche da Vila Maria Zélia, do empresário Jorge Street, em São Paulo, é outro exemplo sempre citado. Consta que as professoras eram cedidas pelo governo estadual e que os estabelecimentos funcionavam sob a direção de representantes da Igreja Católica (Vieira, 2023, p. 29).

Em meados dos anos de 1900, inspiradas nas manifestações europeias as mulheres brasileiras iniciaram o movimento de creche integrou-se aos demais movimentos sociais em busca de melhorar a qualidade de vida como o lema: “creche é um direito e não um favor!” a partir das diversas manifestações, debates e conferências nacionais surgem o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), de 1998, assim como as Diretrizes Curriculares da Educação Infantil (2010), onde estabelecem princípios e fundamentos para as práticas pedagógicas no Brasil, visando garantir o desenvolvimento integral das crianças de 0 a 5 anos. A Lei 9394/96 de Diretrizes e Bases Nacional da Educação (LDB), assim, todas as crianças brasileiras passariam a ter acesso a matrícula em creches e pré-escolas.

Art. 30. A educação infantil será oferecida em:

- I – Creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade;
- II - Pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).



A educação se abrange aos processos formativos que se desenvolve no ambiente familiar, no convívio social, no ambiente do trabalho, manifestações culturais e nas instituições de ensino e pesquisa. Na redação dada pela Lei nº 12.796 de 2013 destaca:

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Nessa perspectiva, a criança antes mesmo de estar inserida no ambiente escolar manifesta interesse pela cultura escrita. Por isso, a necessidade de envolvê-la em situações que despertem curiosidade e desafios no dia a dia relacionadas à linguagem escrita, por exemplo, ao ter contato com diferentes tipos de letras, textos, desenhos e rabiscos na medida que brincam de escrever, em casa quando a criança brinca com papéis e lápis na tentativa de escrever cartas para um familiar ou até mesmo para o papai Noel, nesse momento representam traços com suas garatuhas estão representando a língua escrita, aos poucos se apropriam do código linguístico. Em consonância com essa ideia Ferreira (1999, p. 191) ressalta:

Estas primeiras tentativas de escrita são de dois tipos: traços ondulados contínuos (do tipo de uma série de emes em cursivas), ou uma série de pequenos círculos ou linhas verticais. Naquele momento, já existe escrita na criança: é a maneira de escrever aos 2 anos e meio ou 3 e, ainda que a semelhança do traçado em relação à do adulto não passa de ser global, os dois tipos básicos de escrita aparecem: os traços ondulados contínuos (com a descontinuidade da escrita de imprensa).

Identificar a função da escrita na sociedade garante o desenvolvimento social, cultural e busca de identidade. O processo de leitura e escrita não ocorre de forma natural, requer um ensino explícito e sistemático, planejamento assertivo e estratégias que contemplem as dificuldades individuais. Nesse processo que inicia na educação infantil requer ações por parte do docente que possibilitem a ampliação do repertório a partir dos conhecimentos prévios das crianças. Não basta ensinar os nomes das letras, é necessário contextualizar, identificar os sons, traçados, estimular a consciência fonológica, o conhecimento alfabético.

Quando falamos em planejamento na educação infantil precisamos reforçar a necessidade de conhecer o currículo e a proposta pedagógica articulando as experiências com os saberes das crianças. O currículo da Educação Infantil precisa acompanhar o ritmo sociocultural e econômico das crianças assim como de sua família. Nesse sentido, de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Resolução CNE/CBE n. 5, de 17 de dezembro de 2009),



Art. 8º A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2009, p. 2-3).

As práticas pedagógicas aplicadas na educação infantil devem ter como eixo norteador a interação, movimento, o brincar, explorar e expressar de diferentes maneiras. Quando se trata de estimulação de leitura e escrita é importante que o professor oportunize momentos nos quais as crianças tenham convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos, diversos tipos de narrativas. O professor pode assumir a função de escriba quando a criança ainda não domina a escrita.

Desse modo, tanto a leitura quanto a escrita deve ser ensinada como algo relevante para a vida, pelo poder social e cultural que significa, não pode ser vista como treino exaustivo ou uma forma complexa de comunicação. É importante criar momentos onde a criança tenha contato com embalagem, vários tipos de letras, músicas, livros, bula de remédios, listas, receitas, passeios pela escola ou até mesmo pelas ruas do bairro, onde possam identificar a escrita em diferentes contextos. Brandão e Rosa (2011, p. 22), reforçam:

Em suma, vivenciando práticas de leitura em grupo, mediadas pelas professoras, as crianças ampliam suas experiências de letramento e seus repertórios textuais, desenvolvem estratégias variadas de compreensão textuais, inserindo-se no mundo da escrita e iniciando - se como leitoras, mesmo que não saibam ler autonomamente.

Visto isso, compreendemos que a educação infantil é a porta de entrada para cultura da escrita, esse ambiente facilita a criança adquirir habilidades necessárias para o processo de alfabetização que concluirá no segundo ano do ensino fundamental. Ao compreender que o alfabeto é um objeto cultural, representa as cadeias sonoras da fala e as letras notam segmentos sonoros menores que as sílabas orais que pronunciamos nas palavras e pode se repetir no interior de uma palavra e em diferentes palavras gerando significante e significado.

Historicamente falando o surgimento da comunicação escrita foi por volta de 4 mil anos a.c, era realizada através de pictogramas grafadas em paredes, pedras, argilas e papiros, foram os fenícios responsáveis pela invenção do alfabeto a partir de então a escrita toma forma, tendo em vista que os símbolos, ou seja, as letras representavam os sons da fala, conhecido por fonetismo. Embora a nossa escrita seja alfabética fazemos uso dos sinais gráficos, os símbolos são bastantes usados em locais públicos substituindo



as palavras e transmitindo informações para organizar o trânsito ou informações como: proibido, indicativo de banheiro feminino e masculino, em sala de aula tem cartazes, emojis entre outros.

Em sala de aula identificamos várias atividades que podemos trabalhar as letras e desenvolver a escrita da criança de acordo com os seus níveis, vejamos: uso do crachá, bingo das letras, jogo dos quarteto, construção de um dicionário, bate-bate com baralho de letras, adedonha e chamadinha. Grossi (2020, p. 97) enfatiza o trabalho com letras encerra três objetivos fundamentais, a saber:

1. Identificá-las como um conjunto de entidades específicas;
2. Reconhecer e reproduzir as suas formas, nas posições arbitrárias adequadas;
3. Associar-lhes o som correspondente.

No Brasil, a partir da década de 1980, a educação ganhou um grande espaço, tanto no campo científico, político e social. Nesse período, o principal debate no âmbito educacional era referente ao uso de cartilhas de prontidão e o método ideal para alfabetização. A criança por sua vez, para que pudesse ter acesso à Educação Básica deveria decorar toda a cartilha e realizar o teste de prontidão, caso aprovada a criança comprovaria que estava apta para aprender a ler e a escrever.

Sabe-se que o primeiro ano do ensino fundamental é o início formal da alfabetização. É o momento no qual a criança se depara com o complexo processo de escrita de forma mais ampla quando não bem estimulada pode causar sérios problemas, um deles é o analfabetismo. De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil,

saber escrever o próprio nome é um valioso conhecimento que fornece as crianças um repertório básico de letras que lhes servirá de fonte de informação para produzir outras escritas. A instituição de Educação Infantil deve preocupar-se em marcar os pertences, os objetos pessoais e as produções das crianças com seus nomes. É importante realizar um trabalho intencional que leve ao reconhecimento e reprodução do próprio nome, para que elas se apropriem progressivamente da sua escrita convencional (BRASIL, 1998, p. 147).

Por isso, a importância de discutir sobre aquisição de escrita ainda na pré-escola, uso de recursos pedagógicos que contemplem as necessidades individuais e iniciais para futuramente dominar a escrita com autonomia. Nesse sentido, entendemos ser relevante pensar a escola como um espaço de formação continuada, pois possibilita a construção de mudanças na prática docente, no planejamento, no currículo, na avaliação sendo capaz de influenciar no processo de alfabetização e letramento.



Logo, discutir as principais concepções e diferentes métodos de alfabetização que podem auxiliar na prática docente sobre a linguagem podendo agir em diversos aspectos, como o fonológico, o morfológico, o sintático, o textual e o pragmático. Partido desse pressuposto, compreendemos que a escrita se faz presente em diferentes contextos sociais no qual a criança está inserida seja em jornais, revistas, livros de literatura infantil, receitas, listas de compras, convite de aniversário, rótulos de embalagens, brinquedos entre muitos outros nos quais tem acesso.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observou-se uma diversidade nas estratégias utilizadas para estimular a leitura e a escrita em sala de aula. Os resultados mostraram que 50% dos docentes pesquisados usam jogos, brinquedos e brincadeiras como estratégias lúdicas durante as atividades em sala de aula. Além disso, 30% dos professores preferem usar contos, utilizar músicas e parlendas, enfatizando a importância da narrativa e da sonoridade na formação do letramento. No entanto, 20% dos educadores optam por atividades mais tradicionais no caderno, refletindo uma abordagem que ainda valoriza a escrita manual e a prática direta. Essa diversidade permite atender às diferentes necessidades e formas de aprendizagem das crianças.

Diante disso, verificou-se que muitos professores apresentam dificuldades em selecionar estratégias que contemplem as necessidades e situações de aprendizagem que contribuem para a formação literária e escrita numa perspectiva dialógica discursiva. Portanto, a partir de práticas significativas e dialógicas permitem que crianças reflitem sobre a linguagem escrita. A formação contínua dos docentes, os usos de estratégias lúdicas tornam-se ferramentas essenciais para o desenvolvimento integral da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação infantil se destaca como um ambiente no qual se inicia as habilidades fundamentais para leitura e escrita, estabelecendo as bases para a formação de leitores e escritores que agirá na sociedade. Ao proporcionar um ambiente rico em experiências literárias e práticas de escrita, é imprescindível que educadores adotem metodologias que integrem o lúdico e o que é significativo para a criança. Neste contexto, a formação



continuada promovida pela Secretaria de Educação é de suma importância, pois capacita os educadores a implementarem estratégias que vão além do uso do quadro e apostilas.

O entendimento relacionado as diferentes concepções e estratégias pedagógicas voltadas para a leitura e escrita na educação infantil são de fato fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Ao integrar práticas lúdicas e interativas favore o domínio das habilidades linguísticas, assim como a formação de leitores críticos e autônomos. Desse modo, investir na formação contínua dos educadores e materiais pedagógicos podem garantir que as crianças tenham uma base sólida para sua alfabetização.

A participação da coordenação pedagógica é igualmente crucial, pois além de proporcionar suporte e orientação aos professores, facilitando o planejamento de atividades, criação de jogos, brinquedos e brincadeiras que integrem a leitura e escrita sendo capaz de construir um currículo que engaja ativamente cada criança ao processo de aprendizagem.

Palavras-chave: Leitura, Escrita, Estratégias pedagógicas, Educação infantil, Docência.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Brasil. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2009.

_____. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil: conhecimento de mundo.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. V. 03. Brasília, MEC/SEF, 1998.

_____. LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

BRANDÃO, A. C. P.; CARVALHO, M. J. P. de. **As fichas de atividades de linguagem escrita na educação infantil.** In: BRANDÃO, A. C. P.; ROSA, E. C. S. Ler e escrever na educação infantil: discutindo práticas pedagógicas. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011, p. 139-163.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artmed, 1999.



_____. **Com todas as letras.** São Paulo: Cortez, 1993.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROSSI, E. P. **Alfabetização em classes populares: didática do nível pré-silábico.** São Paulo: SE/CENP, 1985. GROSSI, E. P. **Didática do nível silábico.** São Paulo: Paz e Terra, 1995.

PEREIRA, Antônio. **Pesquisa de Intervenção em educação.** Salvador: Eduneb, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; GARRIDO, Elza; MOURA, Manoel. O. **Pesquisa Colaborativa na escola facilitando o desenvolvimento profissional de professores.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – Brasil. 2001.

MORAIS, Artur Gomes de. **Sistema de escrita alfabética** / Artur Gomes de Moraes. São Paulo: Editora Melhoramento. 2012. (como eu ensino).

_____. **Consciência fonológica e metodologias de alfabetização.** Presença pedagógica. 70: 58-67, 2026.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Projetos, Relatórios e Textos na Educação Básica: Como fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever** / Magda Soares. – São Paulo: Contexto, 2020. 352 p.:il.

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

_____. **Leitura em Educação Infantil? Sim, obrigada!** In: TEBEROSKY, A. Et al. **Compreensão de leitura: a língua como procedimento.** São Paulo: ArtMed, 2003.

VEIGA, Cynthia Greice. **Infância e modernidade: ações, saberes e sujeitos.** In: FARIA FILHO, L. M. (Org.) **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações** (Portugal e Brasil). Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VIEIRA, Livia Fraga. **Educação Infantil** / Livia Fraga Vieira e Mônica Correia Baptista. – São Paulo: Contexto, 2023. P. 160.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar.** In: Vygotsky, L. S; LURIA. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 16ª. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

